



Universidade de Coimbra

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Estágio Pedagógico

Relatório Final

De Estágio

João Dos Anjos Cunha

2005004931

2010



Universidade de Coimbra

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório Final de Estágio

Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Mestre **Miguel Fachada** e co-orientação de Professora **Cristina Cachulo**.

João Dos Anjos Cunha

Junho, 2010

Resumo

O Relatório Final de Estágio surge no âmbito da Unidade Curricula – Estágio Pedagógico, inserida no segundo ano do plano de estudos do MEEFEBS, como sendo um documento final que engloba toda uma descrição e reflexão de todo o conjunto de experiências por nós vivenciado ao longo deste ano de estágio.

O presente documento tem como objectivo estabelecer um ponto de ligação entre elementos descritivos e reflexivos que dizem respeito a toda e qualquer actividade realizada ao longo deste ano de estágio, justificando as opções tomadas ao nível do seu Planeamento, da sua Concepção e posterior Avaliação.

Com a elaboração deste documento, procuro organizar as experiências por mim vivenciadas, aprendizagens realizadas e conhecimentos adquiridos ao longo do ano de estágio, de modo a reflectir sobre os mesmos e daí absorver o que de mais útil se poderá adaptar, ou facilmente readaptar a qualquer realidade escolar e nível de ensino que poderei encontrar no início do meu percurso como professor de Educação Física, assumindo sempre como prioridade máxima o compromisso para com as aprendizagens dos alunos, compromisso esse será tanto mais fidedigno quanto maior for o grau de evolução por mim atingido ao nível do contacto real com a turma e de todas as estratégias e metodologias da qual a prática pedagógica se reveste. Esta evolução prende-se com a necessidade de uma formação contínua e multidireccional, não se remetendo única e exclusivamente ao capítulo da intervenção pedagógica, mas sim a todo um leque de funções desempenhadas no seio de uma comunidade escolar, tendo sempre como factor essencial e determinante, uma conduta profissional pedagogicamente correcta e uma atitude ético-profissional que me permita o correcto desempenho das minhas funções.

Summary

The final report of my traineeship is connected with the Curricular Unit Pedagogical-Traineeship inserted in the second level of the study-planning of MEEFEBS as a final document which contains a complete description and reflection of all the amount of living experiences along this last year.

The real aim of this document is to link together the descriptive elements and the reflexive ones which concern to any kind of activity realised this year, justifying the options made about its planning, its conception and its forward evaluation.

With this document I also intend to organise the experiences I made, the improving skills and the acquired knowledge in order to reflect upon them and choose those ones which will be more useful to adapt to any kind of real situation in education, when I'll begin my professional career as a Physical Education teacher, assuming always as a priority the development of the students abilities which will be better and better according to my enlargement in the real context within the class and also all the strategies and methodologies applied in the pedagogical practice. The growing-up as a teacher also depends on the necessity of a continuous and multidirectional learning and not only to be limited to the pedagogical practice or to the classroom, but mainly to live inside an educative community having always as an essential performance a correct way of being and acting in the profession with ethical and pedagogical values and an attitude in order to fulfil my functions.

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 7 |
| Expectativas Relativamente ao ano de Estágio (PIF) | 9 |
| Integração no meio Escolar..... | 11 |
| Descrição das Actividades Desenvolvidas..... | 13 |
| Planeamento | 13 |
| Caracterização da Turma..... | 13 |
| Plano Anual de Turma | 15 |
| Unidades Didácticas | 16 |
| Planos de Aula | 16 |
| Realização..... | 18 |
| Intervenção Pedagógica | 18 |
| Avaliação | 19 |
| Componente Ético-Profissional..... | 20 |
| Justificação das Opções Tomadas | 22 |
| Planeamento das Aulas | 25 |
| Conhecimentos Adquiridos..... | 28 |
| Avaliação dos Processos e Produtos | 29 |
| Aprendizagens Realizadas | 31 |
| Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos..... | 33 |
| Importância do Trabalho Individual e de Grupo | 35 |
| Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade | 37 |
| Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução | 38 |
| Dificuldades a Resolver no Futuro | 43 |
| Inovação nas Práticas Pedagógicas | 44 |
| Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar..... | 46 |
| Questões Dilemáticas..... | 47 |
| Conclusões Referentes à Formação Inicial..... | 53 |
| Necessidades de Formação Contínua | 54 |
| Experiência Pessoal e Profissional do ano de Estágio | 55 |
| Bibliografia | 57 |

“No Sistema Educativo, os futuros profissionais de Educação Física têm no Estágio Pedagógico a última oportunidade para se aperceberem das diferenças que separam a sua preparação teórica e a sua preparação prática, bem como das lacunas que ainda têm de preencher para enfrentar, sem problemas, as situações técnico – pedagógicas do processo ensino – aprendizagem”.

Professor Teotónio Lima

Introdução

Desde cedo que optei por seguir a vertente desportiva como futuro profissional, sendo que inicialmente a área pedagógica não era uma prioridade, pois ao ingressar na Licenciatura em Ciências do Desporto da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra no ano de 2005, esta assumia uma vocação voltada para o treino desportivo e não para o ensino.

Após concluir a Licenciatura, optei pela realização do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, tendo nele a possibilidade de ingressar na vertente pedagógica.

O estágio pedagógico insere-se no 2º ano do plano de estudos do MEEFEBS, tornando-se determinante para a formação de qualquer aluno finalista, representando o culminar de todo um processo de formação na área pedagógica.

É no ano de estágio, que o aluno tem contacto com a realidade de todo o processo pedagógico que envolve o meio escolar, sendo aqui um ano de ruptura e conjugação, no qual confrontamos toda a preparação predominantemente teórica assimilada ao longo dos anos de Licenciatura e Mestrado com a aplicação desta na prática de uma realidade escolar, identificando neste ano as principais lacunas que ainda temos que preencher de modo a encarar sem problemas todo o processo de ensino-aprendizagem que temos pela frente.

Apesar da minha licenciatura me ter possibilitado um trabalho intermitente em ginásios, as expectativas iniciais para este ano de estágio mantinham-se completamente à parte deste ramo, pelo que encarei o estágio pedagógico com alguma insegurança e um sentimento de inexperiência notório, sendo a primeira vez que iria experimentar o reverso da medalha, isto é, a passagem de aluno a professor.

Este documento irá espelhar todo o conjunto de expectativas, experiências vivenciadas e conclusões retiradas deste ano de estágio, representando um balanço geral entre estratégias definidas e resultados obtidos, bem como todo o leque de questões

dilemáticas que a vertente pedagógica tem a si associadas e que vivenciei bem de perto este ano de estágio.

Expectativas Relativamente ao ano de Estágio (PIF)

No ano de 2005, ingressei na licenciatura em Ciências do Desporto da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Esta licenciatura tinha como base uma formação mais direccionada na área do treino desportivo – prescrição de exercício para grupos diferenciados e nas mais diversas áreas de actuação, como tal, apesar de algumas “cadeiras” coincidirem com o curso em Educação Física, nunca foi inteiramente direccionado para a área pedagógica. Como tal, e após terminar a licenciatura, decidi que para minha formação pessoal, e mesmo por algum gosto especial no contacto com a realidade escolar, o MEEFEBS seria um bom complemento para mim, tanto ao nível profissional como ao nível pessoal e, como tal, optei por abrir um pouco mais os meus horizontes, neste caso específico a minha formação, direccionando-a também para o âmbito da pedagogia, sabendo inteiramente que o plano de estudos deste mestrado englobava, na totalidade do seu segundo ano, um estágio pedagógico a realizar numa escola previamente seleccionada, onde iríamos ter um contacto real com uma turma e todo o meio envolvente da escola, sob orientação de um professor da escola e um professor da faculdade. Após terminar o primeiro ano do MEEFEBS, coube-me a difícil tarefa de optar por uma escola para a realização do estágio pedagógico, sendo que essa opção ficou um pouco mais facilitada pelo facto de ter sido dos últimos alunos escolher a escola onde estagiar, pelo facto de não ter realizado uma cadeira referente ao primeiro ano do Mestrado (Projecto de Investigação Acção). Quando finalmente recaiu sobre mim a escolha da escola onde iria realizar estágio as opções já se encontravam limitadas a apenas três escolas, sendo que escolhi aquela que ficaria um pouco mais próxima do local onde vivo, sem ter grande referências relativamente à comunidade escolar existente (corpo docente, meio envolvente, alunos...). No entanto, após um contacto mais próximo com os dois colegas que a par comigo iriam realizar estágio no Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho, obtive algumas informações bastante positivas relativamente a toda comunidade escolar envolvente, desde corpo docente (mais pormenorizadamente o grupo de Educação Física) até aos alunos e relação destes com o professor (respeito e cordialidade), pois um dos dois colegas de estágio, que já lecciona aulas acerca de 11 anos e está a inserido neste Mestrado como sendo um complemento à sua formação, já

tinha realizado estágio na antiga Escola Básica Jorge de Montemor-o-Velho e alguns dos professores, incluindo o seu professor/orientador se mantinham efectivos neste agora agrupamento de escolas.

Este ano de estágio, apresentava-se como um dos anos primordiais, senão mesmo o ano primordial da minha formação enquanto futuro professor de Educação Física, pois toda a formação que tinha vindo a adquirir ao longo de três anos de licenciatura, mais uma ano de mestrado, iria ser colocada em prática numa realidade escolar a uma turma de 12º ano, cujas aprendizagens e evoluções estariam directamente relacionadas com todo o trabalho de planeamento por mim realizado e colocado em prática no decorrer de todo o ano lectivo, ao longo das aulas de Educação Física.

Integração no meio Escolar

O meu primeiro contacto com a realidade do ano de estágio, passou pela interacção com os meus dois colegas do núcleo de estágio, professores estagiários José Rui e José Nuno, bem como com a professora Orientadora de estágio, Cristina Cachulo, pois iria ser este o núcleo de estágio com o qual iria manter um trabalho de cooperação e coordenação ao longo de todo o ano escolar. Posto isto, os dias que antecederam o início do ano lectivo foram marcados por algumas reuniões de departamento onde foram acertados pormenores sobre muitos dos assuntos que diziam respeito à comunidade escolar em geral e ao departamento de Educação Física em particular. Estas reuniões permitiram também um contacto mais próximo com todos os professores que compunham o grupo de Educação Física e com os quais iria interagir ao longo de todo o ano lectivo no planeamento e preparação das aulas, quer na rotatividade e permuta de espaços (caso necessário), quer na utilização do material disponível em compatibilidade de horários e Unidades Didácticas comuns.

11

Ao longo destes primeiros dias, fui também começando por conhecer, aos poucos, os espaços disponíveis na Escola para a prática da Educação Física, bem como o material disponível em função desses mesmos espaços.

O conhecimento de todos os espaços da escola, levou também ao contacto real com todos os auxiliares de acção educativa, mostrando-me confortável na relação com todos estes intervenientes, sendo que sempre mostrei disponibilidade de corresponder a qualquer exigência que me fosse solicitada, sendo esta relação recíproca.

Finalmente, e com o início das aulas, deu-se o primeiro contacto com os alunos da turma que, pelo facto de ser a minha primeira turma, e ainda pelo facto de ser uma turma de 12º ano, aumentou o meu grau de ansiedade e um certo nervosismo nestes primeiros momentos, onde via uma passagem real para “o outro lado” – de aluno a professor. Os alunos da turma mostraram-se bem menos apreensivos que eu neste primeiro contacto, sendo que para alguns deles o facto de terem um professor estagiário a leccionar aulas não era uma novidade, e corresponderam de uma forma bastante

positiva, auxiliando-me, de certa forma, na condução da aula referente à apresentação, cooperando respeitosamente entre eles e para comigo.

Termino este ponto com a citação de que as expectativas em mim presentes para um início de no lectivo corresponderam pela positiva à realidade encontrada, sendo que tudo o que inicialmente idealizava como sendo algo de novidade e com o qual me poderia sentir um pouco menos à vontade, foi superado devido a uma excelente acolhimento que recebi por parte de todos os intervenientes do processo educativo presentes na escola – professores, funcionário e alunos.

Descrição das Actividades Desenvolvidas

Todas as actividades de ensino – aprendizagem que serão aqui contempladas, devem fundamentar-se em três grandes competências profissionais da prática docente – o Planeamento, a Realização e a Avaliação, sendo estas indissociáveis e de igual importância cada uma delas.

13

Planeamento

Todo o trabalho desenvolvido em torno desta área, é tanto individual quanto necessário, pois para efectuar todo e qualquer planeamento prévio, terão de ser tidos em conta diversos factores inteiramente relacionados com as características específicas da escola e do meio envolvente, com as características específicas de cada turma e dos alunos que a compõe, bem como as limitações espaciais, materiais e temporais que limitam as aulas de Educação Física a cada turma. Surge então como necessidade primária a realização de alguns documentos que irão servir de base para todo o processo de ensino-aprendizagem que se segue.

Caracterização da Turma

“Um professor deve conhecer bem os seus alunos para assim poder adequar as aprendizagens às suas necessidades e características.”

In Reorganização Curricular do Ensino Básico

A função do professor ultrapassa em larga escala a leccionação de aulas. No que diz respeito ao campo psico-social de todo o ambiente que envolve o meio escolar, quanto melhor essa realidade for conhecida pelo professor, mais fácil se torna a inserção neste mesmo meio e, conseqüentemente a interacção com este.

De um modo mais específico, esta mesma dificuldade se faz sentir no seio de uma turma, pois a multiplicidade de gostos diferenciados, ambientes familiares distintos, problemas de saúde que podem condicionar directamente ou não a prática de actividade desportiva, entre outros, também existe no seio de uma turma, apesar de a uma escala mais pequena e individualizada a cada caso específico. O conhecimento mais pormenorizado da realidade de cada aluno poderá trazer-nos vantagens, pois ao conhecer isoladamente uma turma e mais pormenorizadamente os gostos/problemas individuais dos alunos, torna mais fácil um planeamento individual eficaz de no sentido de ir ao encontro das necessidades específicas de cada aluno. É neste âmbito que surge este estudo, contribuindo para o conhecimento individual não só dos alunos da turma, mas também da turma como um todo, retratando as relações existentes entre os seus elementos.

Como tal, o documento Caracterizador da Turma foi elaborado com base na aplicação de um questionário que procurava conseguir um conhecimento mais aprofundado e individualizado dos alunos nos domínios sócio-afectivo, socioeconómico, escolar e desportivo. O fornecimento ao Director de Turma deste documento, surgiu também como um instrumento auxiliar na sua intervenção pedagógica, melhorando e facilitando o estabelecimento de estratégias individuais e colectivas, contribuindo para melhorar o processo ensino-aprendizagem para esta turma no desempenho das suas funções.

Este estudo possuiu também alguns objectivos específicos, procurando conhecer os alunos de uma forma individualizada, quer num âmbito geral de um panorama real de vida, quer no âmbito da realidade escolar (passada e presente), quer num âmbito mais direccionado para a disciplina de Educação Física, tendo estes conhecimentos sido aferidos através da realização de um questionário aos alunos que englobava questões relacionadas com a relação destes para com a disciplina de Educação Física e prática desportiva, procurando diagnosticar casos críticos da turma – cruzando dificuldades escolares, caracterização pessoal e problemas familiares e orientando, com base nos resultados do estudo, a intervenção pedagógica dos professores, na escolha de estratégias e organização da turma.

Plano Anual de Turma

O Plano Anual de Turma é um documento orientador para todo processo de Ensino - Aprendizagem relacionado com a turma A do 12º ano do Agrupamento de Escola de Montemor-o-Velho. Pode ser também considerado como o primeiro passo de planificação das matérias de ensino da Educação Física, podendo as suas finalidades ser aplicáveis às particularidades do meio, da escola e da turma, através de uma análise reflexiva acerca da organização do ensino.

15

Para que esta planificação fosse adequada à complexidade do processo de Ensino -Aprendizagem, foi essencial ter em conta todo um conjunto de factores que podem condicionar a acção do professor (recursos materiais e espaciais da escola; leque de modalidades que, em concordância com o Programa Nacional de Educação Física vão ao encontro das necessidades e interesses dos alunos), tentando, simultaneamente, promover um conjunto de actividades que do ponto de vista sociocultural e psicomotor possam estimular o gosto da turma pela disciplina.

Partindo do pressuposto que o processo de Ensino - Aprendizagem deve ser tanto individualizado quanto necessário, e que cada indivíduo é um ser com particularidades que o distingue de todos os outros, este documento procurará seguir estes princípios, servindo como linha orientadora da base de actuação do professor, podendo este ser sujeito a reajustamentos determinados por vicissitudes ocorridas ao longo do Ano Lectivo.

Como tal, o Plano Anual de Turma foi realizado com o objectivo de: elaborar linhas gerais orientadoras do processo ensino-aprendizagem da turma ao longo do ano lectivo: orientar este mesmo processo de ensino-aprendizagem e estabelecer uma sequência lógica de actuação; conhecer de forma mais pormenorizada os programas nacionais de Educação Física, o contexto escolar e o meio envolvente, bem como os recursos espaciais, materiais, temporais e humanos disponíveis para a prática da disciplina de Educação Física; conhecer também de forma mais detalhada os alunos - turma, não só em relação aos seus contextos sócio-económico e familiar, como também em termos dos níveis de prestação inicial nos domínios psicomotor, sócio - afectivo e cognitivo; Conhecer os elementos de Organização/Regulamento da Educação Física na

escola; controlar toda a planificação a curto, médio e longo prazo com maior segurança, controlo e viabilidade; determinar os objectivos anuais por matéria a alcançar pelos alunos; definir de forma clara e objectiva as matérias a leccionar durante o ano lectivo, assim como a sua distribuição no tempo (n.º de horas/dias) e promover uma inclusão das actividades inscritas no plano de actividades da escola, promovidas pelo grupo disciplinar, incluindo também as de iniciativa do próprio Núcleo de Estágio.

Unidades Didácticas

No início do ano lectivo, tendo em conta as condições espaciais, materiais e temporais, são propostos blocos de matérias a serem leccionadas ao longo deste, não sendo estes estanques e estando sujeitas a alterações. Com a definição das Unidades Didácticas a leccionar, cada professor deve munir-se de ferramentas que o orientem para a realidade da modalidade que vão abordar. É aqui que entra um documento denominado – Unidade Didáctica, que é elaborado pela necessidade de o professor obter um conhecimento geral sobre a história da modalidade, caracterização da modalidade, principais regras da modalidade, recursos disponíveis para a prática da modalidade (temporais, materiais, espaciais e humanos), objectivos gerais a atingir no final da Unidade Didáctica (Programa Nacional de Educação Física) e/ou específicos à realidade da nossa turma (adequação desses objectivos com os dados recolhidos pela avaliação diagnóstica), um conjunto de metodologias de ensino geral composto pelas principais acções técnicas e tácticas que engloba a modalidade, bem como uma bateria geral de exercícios e progressões pedagógicas que irão servir de base de sustentação para o início do trabalho a ser levado a cabo.

Planos de Aula

O plano de aula é o último e, no meu ver, mais importante passo na planificação de uma aula, pois é nele que está explícito tudo o que irá ser abordado durante cada bloco horário a leccionar à turma.

Com o intuito de simplificar e harmonizar a planificação e organização das aulas, foi elaborado no início do ano lectivo um Plano de aula Padrão no qual constam elementos indispensáveis a uma leitura e interpretação correctas dos dados nele presentes por parte de qualquer profissional na área. Este plano de aula “padrão”, sofreu algumas alterações ao longo do ano lectivo, principalmente pela necessidade de tornar ainda mais prática e eficiente a sua aplicação no contexto real de uma aula.

Destes elementos destacamos a importância para a função didáctica, estilo de ensino, número de alunos, tempo total e tempo parcial (duração de cada tarefa), componentes críticas, critérios de êxito, erros mais comuns e ainda estratégias de organização e desenvolvimento.

O plano de aula tem de responder de uma forma prática e clara a questões que se prendem directamente com a condução da aula, possibilitando uma prática coerente e bem fundamentada das opções tomadas, garantindo aulas de maior qualidade e eficiência, funcionando como previsão dos conteúdos e actividades constituintes de uma U.D. a serem realizadas numa turma, segundo os objectivos do professor, conteúdos que pretende abordar em função da consecutiva performance dos alunos, permitindo a formulação de objectivos operacionais como: O nível e complexidade dos exercícios expresso por critérios de êxito e condições de realização de exercício; a descrição prática temporal e qualitativa das situações; a determinação dos comportamentos organizacionais, estudando a forma temporal e espacial e o comportamento do professor, ou seja, as várias estratégias e estilo de ensino possíveis de adoptar de acordo com o tipo de plano e, ainda, a estrutura temporal da aula.

Embora seja modificável e adaptável, permite que a aula tenha uma boa organização e estruturação, proporcionando uma fluidez e dinâmica óptimas, com a maior oportunidade prática possível dos alunos. O facto de toda a escolha dos exercícios ser acompanhada por uma reflexão realizada à posteriori, possibilita que os mesmos estejam mais adequados ao nível qualitativo dos alunos. O sucesso e evolução dos alunos nas tarefas, por sua vez, aumenta o gosto e prazer pela disciplina por parte destes, promovendo a superação da grande parte de dificuldades, num clima agradável, desafiante e satisfatório e motivante.

Realização

Intervenção Pedagógica

Após um planeamento eficaz, é necessário colocar o mesmo em prática, regido por vários factores que poderão ou não condicionar a viabilidade do mesmo, sendo que alguns desses factores não podemos controlar à partida, tais como a evolução real e diferenciada dos alunos em função de um planeamento previamente elaborado; limitações temporais e/ou espaciais que possam surgir no decorrer de uma determinada Unidade Didáctica, entre outros. Associado a todos estes factores e assumindo um papel preponderante na condução de todo o processo pedagógico de real contacto com a turma está a intervenção pedagógica, regida por vários domínios que assumem características próprias gerais e específicas associados à realidade de cada professor e de cada turma.

No que diz respeito à Gestão da aula, penso que para além de ser um campo no qual me sentia inicialmente à vontade, a própria turma, por se tratar de uma turma de 12º ano e como tal possuir um grau de maturidade cognitiva mais elevado, ajudou bastante na organização dos alunos de uma forma rápida contribuindo para uma boa gestão da aula quer a nível organizativo, quer ao nível temporal de exercitação dos objectivos propostos por exercício. Instruções breves, concisas e objectivas, facilmente assimiladas pelos alunos e monitorização destes pelo espaço de uma forma lógica e de acordo com o estabelecido, foram também um factor predominante na condução das aulas. Não tive qualquer caso de Indisciplina no decorrer deste ano lectivo, sendo que o Controlo da turma sempre foi uma facilidade por mim encontrada muito por causa da conduta ético-profissional adoptada, mostrando os alunos reciprocidade neste campo de intervenção, apelando e fomentando a um Clima saudável nas aulas, o que facilitou imenso a condução das mesmas, elevando os índices motivacionais dos alunos na realização das tarefas propostas. Procurei sempre utilizar feedback's correctivos adequados à real prestação dos alunos para determinado gesto técnico e/ou acção técnico-táctica, mostrando segurança no conhecimento que tinha acerca do comportamento a analisar/corrigir e propondo soluções e progressões eficazes para a correcção desse mesmo erro, sendo que os alunos procuraram, muitas vezes por iniciativa própria, colocar-me questões bastante pertinentes sobre o porquê de

determinado exercício tendo como finalidade específica a assimilação/exercitação ou consolidação de determinado gesto técnico ou acção técnico-táctica, perguntas às quais nem sempre tive uma resposta correctíssima no momento, instruindo-me e interrogando-me à posteriori para poder auxiliar os alunos e levá-los a compreender inteiramente o propósito de determinadas opções, quer na organização diferenciada por grupos de nível, quer na realização efectiva de determinados exercícios direccionados a um propósito específico, daí a necessidade de uma formação contínua e actualizada sobre os princípios básicos das modalidades a leccionar, principalmente quando se trabalha com alunos do ensino secundário, mais propriamente e neste caso do 12º ano. É tão importante a intervenção/correção de determinado erro, como as propostas metodológicas adoptadas para a correção do mesmo, verificando novamente e denotando uma melhoria gradual no performance do aluno – fechar o ciclo de feedback, apoiando-o e apelando à motivação do mesmo pelo facto deste ter evoluído nesse sentido.

Avaliação

*“Propor sequências de aprendizagem implica a adopção de procedimentos avaliativos, sendo de salientar a importância de uma **avaliação reguladora** que proporcione momentos de auto-avaliação ao serviço da consolidação dos saberes, da remediação, da aprendizagem.”*

(In Proposta de Reorganização Curricular do Ensino Básico)

No início de cada Unidade Didáctica, procedi à realização de uma Avaliação Diagnóstica com o propósito de avaliar o nível psicomotor dos alunos para a abordagem de uma determinada Unidade Didáctica, com o intuito principal de uma definição de objectivos que proponho que os alunos consigam atingir no final da leccionação da mesma. Inerente a isto, está também a criação de grupos de nível de desempenho diferenciados na turma, de modo a exercitar os conteúdos propostos de uma forma diferenciada, concorrendo para um mesmo objectivo específico.

Com o decorrer da Unidade Didáctica, procedi a uma Avaliação Formativa de carácter contínuo e qualitativo, avaliação esta que foi a base de todo o trabalho levado a cabo ao longo das aulas propostas para a leccionação da Unidade Didáctica que me permite adequar e/ou readequar objectivos e conteúdos inicialmente propostos consoante o nível de evolução dos alunos, reajustar grupos de nível a trabalhar durante as aulas e, se necessário, estabelecer objectivos terminais diferenciados para diferentes grupos de alunos da turma.

No final de cada Unidade Didáctica, teve lugar um momento de Avaliação Sumativa que veio nada mais nada menos que confirmar os índices de desempenho demonstrados pelos alunos e verificados/registados e analisados ao longo de todas as aulas dedicadas a uma determinada Unidade Didáctica, de forma a transformar índices de desempenho avaliados até aqui de forma qualitativa, num valor a quantitativo a atribuir ao aluno, utilizando todos os parâmetros e processos previamente definidos para atribuição dessa nota.

Componente Ético-Profissional

No que diz respeito ao parâmetro que se prende com a atitude ético-profissional, sempre me preocupei em manter uma formação contínua e actualizada, fomentada em conhecimentos gerais e específicos do âmbito científico da profissão docente e da Educação Física mais especificamente, integrando práticas de auto-formação e pesquisa autónoma como elemento potenciador do processo de aprendizagem profissional, como início de um processo de aprendizagem continua.

Procurei também manter uma relação próxima com todos os intervenientes da escola, desde funcionários a professores e alunos, revelando disponibilidade para qualquer assunto que me fosse solicitado, interagindo de forma interventiva e regular, demonstrando empenho na realização de todas as tarefas que me foram solicitadas e por mim desempenhadas. Ainda no âmbito de actividades realizadas por iniciativa própria ou solicitadas por parte de qualquer outro interveniente da comunidade educativa, procurei sempre reflectir e analisar soluções credíveis para um melhor desempenho das

mais diversas situações, assumindo sempre uma apresentação e conduta pessoal adequada perante os alunos, professores e funcionários, demonstrando assiduidade e pontualidade nos compromissos assumidos e promovendo estes valores junto dos alunos e de todos os elementos que compunham o grupo de estágio.

Justificação das Opções Tomadas

Todo o processo de ensino – aprendizagem é mais eficaz, quanto melhor e mais pormenorizado for o planeamento efectuado, direccionado às necessidades específicas de cada turma. Como tal, há a necessidade primária de, no início de cada ano lectivo ser elaborado **Plano Anual de Turma**. Este documento servirá de base para toda e qualquer planificação que poderá ser efectuada para esta turma, desde a caracterização da escola e do meio envolvente, à calendarização das aulas a leccionar em cada período, a rotatividade e disponibilidade de espaços disponíveis para a realização das aulas de Educação Física ao longo de todo o ano lectivo, bem como a escolha e distribuição das Unidades Didácticas a leccionar condicionadas pelas questões espaciais e materiais impostas no início do ano.

22

É também um documento orientador, no sentido em que engloba toda a informação inicial preponderante e de interesse sobre os alunos da turma, retirada de um outro documento - Caracterização da Turma, da Escola e do Meio Envolvente, realizado após a primeira aula do ano lectivo, onde os alunos preencheram um questionário elaborado pelo núcleo de estágio com perguntas do âmbito pessoal geral e direccionadas para a Educação Física em particular, sendo também digno de registo os principais gostos pelas matérias demandados pelos alunos, para um planeamento que vá, não só ao encontro do que é por nos pretendido, mas também ao encontro das necessidades e motivações dos alunos por determinado desporto colectivo, principalmente quando falamos de uma turma de 12º ano como foi o meu caso.

Definidos os espaços disponíveis para a prática da Educação Física para a turma – limitações espaciais, bem como o número de aulas disponíveis para a prática – limitações temporais, e ainda analisados os dados relativamente às necessidades e motivações dos alunos da turma, resta-nos escolher as Unidades Didácticas a leccionar durante o ano lectivo, situando-as por período.

A escolha das Unidade Didácticas a leccionar, está intimamente ligada e condicionada pelas limitações espaciais, materiais e mesmo temporais definidas

inicialmente com as quais teremos que contar, estando expressas no Plano Anual de Turma.

Este ano lectivo, com a junção da Escola Básica Jorge de Montemor e a Escola Secundária de Montemor-o-Velho no agora Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho, a escola aprestou-se em obras de remodelação do espaço durante todo o ano lectivo, remetendo os espaços desportivos existentes para a prática e leccionação da Educação Física ao Pavilhão Municipal de Montemor-o-Velho; às piscinas Municipais de Montemor-o-Velho e ao campo de Futebol de 11 de Montemor-o-Velho. Devido a este facto, o Grupo de Professores de Educação Física teve a necessidade de analisar detalhadamente a rotatividade de espaços por turma, em função das condições existentes, função esta que se mostrou ainda mais complicada pelo acrescido número de alunos e docentes que se verificou com a constituição do Agrupamento de Escolas. Posto isto, à turma A do 12º ano, foi imposto para o primeiro período um espaço do campo exterior e um terço do Pavilhão Gimnodesportivo, pelo que optei por leccionar a Unidade Didáctica de Bitoque Râguebi nas 12 aulas de 90' cada, correspondentes às 12 quintas-feiras disponíveis para a prática da Educação Física a esta turma no campo exterior, e a Unidade Didáctica de Voleibol nas 12 aulas de 90' cada, correspondentes às 12 segundas-feiras disponíveis para a prática da Educação Física a esta turma num terço do Pavilhão Gimnodesportivo.

Para a escolha destas duas Unidades Didácticas, para além das limitações espaciais, temporais e materiais impostas, foi tido também em conta, e talvez como factor primordial, as principais necessidades e motivações dos alunos da turma, procurando ir ao encontro das mesmas. Como tal, optei por leccionar a modalidade de Voleibol, pois esta fazia parte de um passado recente da maioria dos alunos da turma, sendo que, teoricamente, teriam mais presentes algumas das principais regras da modalidade, bem como uma maior facilidade na execução dos gestos técnicos e acções básicas de jogo que a modalidade requeria, sendo este um dos pontos-chave para uma abordagem do voleibol que, para além de ir ao encontro das principais necessidades dos alunos, ainda iria facilitar as aprendizagens realizadas e permitir uma melhor evolução destes, bem como elevar o grau seu grau motivacional e gosto pela disciplina, verificado nos índices elevadíssimos de assiduidade e empenho.

Já a opção pelo Bitoque Râguebi, deveu-se primordialmente pela orientação da professora Cristina Cachulo que, visto que as limitações espaciais impostas me remetiam, para um campo exterior, as opções reduziam-se a algumas das modalidades do Atletismo, Futebol ou Bitoque. O Bitoque Râguebi apresenta-se como uma alternativa ao Râguebi adaptada à realidade escolar, sendo que as noções básicas de jogo se assemelham às do râguebi, com algumas limitações principalmente ao nível do contacto – troca da “placagem” pelo “bitoque”. A peculiaridade das regras que o Bitoque Râguebi apresenta, modalidade esta que está inserida no conjunto de modalidades alternativas a leccionar no Ensino Secundário segundo os programas nacionais de Educação Física, fez-me instruir-me sobre a formalidade de todas as regras de jogo básicas que permitam leccionar o Bitoque a uma turma de 12º ano. Ao contrário do Voleibol, o Bitoque Râguebi é uma modalidade de cooperação - oposição na qual há contacto físico entre elementos das diferentes equipas, existindo movimentações de ordem técnico – tática que requerem tomadas de decisão tanto rápidas quanto inteligentes por parte de todos os elementos da equipa, quer em funções ofensivas com e sem posse de bola, quer em funções defensivas. Como tal, foi uma opção bem ponderada e oportuna para leccionar à minha turma, tendo em conta, mais uma vez, as características e necessidades dos alunos nela presentes.

Quanto às Unidade Didáticas a leccionar no segundo período, estas foram ainda mais condicionadas pelas limitações espaciais existentes, pois um dos espaços remetia-me exclusivamente para a piscina, pelo que a Natação foi uma opção mais que óbvia e viável para as características dos alunos da turma, pelo que pude vir a constar através de algum questionamento efectuado de forma generalizada e individualizada a todos os alunos, e a Ginástica de Solo e Aparelhos pela limitação espacial à Sala de Ginástica existente no pavilhão, facto este que acabou por não se verificar pois no meio horário dispunha de um terço do pavilhão para a leccionação do bloco horário completo (90’). No entanto, esta duas modalidades, sendo ambas desportos individuais e apresentando características completamente diferentes entre elas, propunham-se a objectivos um pouco diferenciados entre elas, apelando primordialmente aos aspectos técnicos das mesmas, mas também a um desenvolvimento de capacidades multilaterais nos alunos, incidindo sobre aspectos relevantes que apontavam para alguns ganhos significativos, nomeadamente ao nível de algumas capacidades condicionais – resistência aeróbia na

natação e flexibilidade no caso da Ginástica, sendo que os ganhos relativos a estas duas capacidades por parte dos alunos estão directamente relacionados com o tempo útil dedicado semanalmente a cada bloco horário por esta preenchido, ponto sobre o qual irei incidir mais à frente neste relatório.

Já no terceiro período, tinha disponível um terço do pavilhão em ambos os dias da semana para cada bloco horário de 90', e como tal, optei por leccionar uma modalidade de raquetes – Badmington e uma modalidade que conciliasse algumas necessidades individuais dos alunos por mim detectadas ao longo do primeiro período no âmbito dos desportos colectivos, com as principais características da turma, bem como preferências dos mesmos por diversos desportos. Como tal, entre as opções de Futebol, Basquetebol e Corfebol, optei por leccionar o Corfebol, sendo que este era um desporto de cooperação – oposição novo para os alunos da turma, e o qual se adaptava às condições de prática demonstradas pelos alunos, pela peculiaridade das suas regras (marcação individual por sexo, por exemplo) e pela pouca complexidade e rigor técnico que apresentava.

Planeamento das Aulas

Toda a base de trabalho aplicável durante os 90' que englobavam a totalidade de uma aula de Educação Física, estava discriminada num documento orientador denominado – Planos de Aula. O plano de aula, é nada mais, nada menos do que uma planificação de uma aula de uma forma coerente para um bloco horário, tendo como objectivo um encadeamento lógico de exercícios que promovam, de uma forma tanto diferenciada quanto necessária, a evolução real dos diferentes alunos presentes na turma para um mesmo objectivo específico, mais ou menos complexo.

Um plano de aula não é um “documento solto”, sem contexto real inserido em todo o planeamento que antecede a leccionação de uma determinada Unidade Didáctica. Como tal, há alguns documentos formulados anteriormente que irão servir como base de suporte para a realização dos planos de aula ao longo da Unidade Didáctica.

Inicialmente, um documento orientador apelidado - Unidade Didáctica, que engloba todo um leque de características de uma determinada modalidade, desde história da modalidade, regras, contexto da mesma no panorama actual da sociedade, acções técnico – tácticas gerais, um grande leque de progressões pedagógicas associadas a essa mesma modalidade e que poderão ser utilizadas em contexto real de aula, entre outras. Em concordância com este documento, mas principalmente fundamentado no que nos dizem os Programas Nacionais de Educação Física para uma determinada modalidade e para o respectivo nível de ensino (12º ano no caso), elaborei uma grelha de registo de competências iniciais a verificar nos alunos para uma determinada modalidade – Avaliação Diagnóstica. Através da análise dos dados recolhidos com a Avaliação Diagnóstica, coube-me a função de adequar o que está discriminado nos Programas Nacionais de Educação Física ao real nível de aptidão demonstrado inicialmente pelos alunos da turma. O próximo passo, seria portanto, a elaboração de um conjunto de objectivos terminais que estivesse de acordo com o real nível de aptidão demonstrado pelos alunos da turma, e uma Sequencialização de Conteúdos que, condicionada pelo número efectivo de aulas a leccionar, concorresse para esses mesmos objectivos terminais, representando um documento orientador, não estanque e sujeito a alterações (real evolução dos alunos da turma em conformidade com os objectivos propostos por aula), que englobasse a planificação de toda uma Unidade Didáctica, por aula, ao longo de todo o período, incidindo sobre os pontos-chave: Objectivo Específico por aula, Função Didáctica, Conteúdos e Estratégias, entre outros. Esta Sequencialização das aulas, assume também um carácter lógico de encadeamento de acções técnico-tácticas, desde as mais básicas, assimiladas e exercitadas em situação critério até à aplicação destas em situações jogadas de forma reduzida e/ou condicionada até se atingir a situação real de jogo, no caso dos desportos de cooperação – oposição.

Posto isto, e com base nestes documentos orientadores, estão as bases formuladas para um eficaz planeamento aula a aula. Com estes factores em jogo, entra a parte totalmente direccionada à elaboração do plano de aula, tendo em conta o tempo total da aula, os tempos parciais dedicados a cada um dos exercícios propostos, a organização destes mesmos exercícios, bem como organização do material e alunos pelo espaço e rotatividade destes pelo mesmo. A elaboração do plano de aula requer também

uma análise cuidada sobre os diferentes níveis de alunos da turma em cada modalidade, bem como exercícios e progressões facilitadoras do ensino para os diferentes grupos de nível, concorrendo para um mesmo objectivo específico.

Após cada aula, recorri à elaboração de uma reflexão pormenorizada da mesma, reflexão esta que englobou todos os campos de intervenção pedagógica da aula, desde organização, clima e gestão, até à evolução dos alunos, concluindo daí o sucesso ou insucesso das metodologias e estratégias por mim aplicadas na aula e corrigindo as mesmas de forma a proporcionar sempre um maior rigor às aulas, tendo como prioridade máxima o compromisso com as aprendizagem dos alunos.

Todo este processo culmina com o momento da Avaliação Sumativa, onde é feito um balanço geral das aprendizagens e evoluções dos alunos desde o momento da avaliação inicial até ao final da Unidade Didáctica. É feito também um ponto de reflexão entre todo o leque de estratégias e metodologias adoptadas e o sucesso da planificação e aplicação destas no contexto real da minha turma ao nível dos domínios psicomotor, cognitivo e sócio-afectivo.

Conhecimentos Adquiridos

Num primeiro contacto com a realidade escolar, mantinha muitas dúvidas quer sobre a necessidade da realização de um planeamento eficaz, quer sobre a forma de realização do mesmo. Como tal, documentos como o Planeamento Anual, Caracterização da Turma e as primeiras Unidades Didácticas elaborados no início do ano lectivo, ajudaram-me a compreender não só a forma de elaboração dos mesmos, mas muito para além disso a necessidade de ter esses documentos orientadores gerais bem presentes no âmbito de todo um processo de ensino – aprendizagem, pois um planeamento eficaz, bem elaborado e fundamentado, é a base de todo o trabalho a ser realizado à posterior.

Com o início de cada Unidade Didáctica, houve sempre da minha parte a necessidade de um planeamento com bases firmes, ao nível de uma sequencialização de conteúdos bem organizada, direccionada para os objectivos terminais a verificar no final da leccionação da mesa. Esse documento, não sendo estanque e estando sujeito alterações, em conjunto com o documento Orientador Geral que engloba todos os conceitos gerais para a abordagem de uma determinada modalidade – Unidade Didáctica (desde regras, a uma ampla bateria de exercícios e progressões pedagógicas gerais que, adequadas aos diferentes grupos de nível existentes na turma e necessidades individuais de cada aluno para cada uma das dificuldades apresentadas, podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem), formaram a base de todo para o planeamento das primeiras aulas de cada Unidade Didáctica, tendo sempre presente em cada uma delas o trabalho levado a cabo com diferentes grupos de nível (homogéneos e heterogéneos). Entender o porquê desse trabalho em diferentes momentos da aula é igualmente importante (vantagens da opção por diferentes grupos em momentos diferentes) e o como tirar vantagem desse trabalho diferenciado mas direccionado para o (s) mesmo (s) objectivo (s) específico (s).

Avaliação dos Processos e Produtos

A avaliação em Educação Física é uma temática sempre susceptível de discussão e diferentes interpretações, não havendo um critério uniforme e utópico para definir os vários parâmetros que a mesma engloba.

29

Para o estabelecimento de objectivos terminais para a turma do 12ºA, foi necessário a realização primário de uma avaliação diagnóstica que estabelecesse o ponto de equilíbrio entre o real nível da turma e os conteúdos propostos nos Programas Nacionais de Educação Física para este nível de Ensino. Após essa observação/avaliação inicial, foi-me possível seleccionar um conjunto de acções técnico-tácticas a desenvolver com os alunos ao longo da Unidade Didáctica, de modo a atingir umas determinadas competências finais por mim estabelecidas, que poderiam coincidir com as propostas para a avaliação inicial ou serem reformuladas consoante os níveis de desempenho demonstrados pelos alunos.

O processo de ensino-aprendizagem tem de ser entendido muito além de uma relação entre processos e produtos. No entanto, é esta relação que me vai fazer reflectir se todas as metodologias e estratégias de ensino por mim seleccionadas, foram as adequadas a aplicar a estes alunos, neste contexto de ensino para uma determinada modalidade. No caso específico da turma A do 12º ano, turma à qual leccionei aulas durante este ano lectivo, o balanço geral entre todo o conjunto de metodologias e estratégias adoptadas para o ensino da Educação Física, tendo como prioridade a conquista de aprendizagens e evoluções por parte dos alunos penso que foi bastante positiva, o que se reflectiu nas diferenças entre os níveis de desempenho demonstrados pelos alunos no momento da avaliação inicial e no final da Unidade Didáctica demonstrados para cada modalidade em particular.

Desde a definição de grupo homogéneos e heterogéneos em diferentes situações exercitadas nas aula, passando pela definição e redefinição de exercícios e progressões pedagógicas diferenciadas por grupos de nível, mais ou menos complexas, concorrendo para um mesmo objectivo específico, até à percepção das principais dificuldades evidenciadas pela turma de forma geral e individual, penso que os “produtos” positivos

obtidos no final de cada Unidade Didáctica, foram fruto de todo o leque de processos levados a cabo na leccionação das aulas.

Aprendizagens Realizadas

O Estágio Pedagógico, como já foi referido anteriormente, gira em torno de três competências essenciais – Planeamento, Realização e Avaliação, assumindo um comportamento ético-profissional adequado no desempenho das mais determinadas tarefas do âmbito escolar. Estas três grandes competências, não se resumem apenas aos conhecimentos adquiridos pelo contacto real com a turma e interacção dos alunos com as aprendizagens e evoluções em cada modalidade, pois associado e intimamente ligado a elas está também o fruto do nosso trabalho em outras duas Unidades Curriculares distintas levadas a cabo durante o ano de Estágio – Projectos e Parcerias Educativas e Organização e Gestão Escolar.

31

No âmbito da Unidade Curricular – Organização e Gestão Escolar, desempenhei o papel de assessor a um cargo na escola, no caso, ao Director de Turma. Para o desempenho deste cargo, elaborei no primeiro ano do MEEFEBS um pré-projecto de assessoria, que iria aplicar no ano de estágio, pré-projecto esse cujos objectivos discriminados foram reformulados e readaptados à realidade escolar com a qual me presenciei no ano de Estágio. A aplicação e realização dos objectivos propostos com este projecto levado a cabo ao longo de todo o primeiro período do ano lectivo, permitiu-me compreender que o Director de Turma não possui um cargo regido meramente por funções de âmbito administrativo e organizacional de documentação referente à turma, mas também um papel de contacto mútuo com alunos e Encarregados de Educação dos mesmos, assumindo aqui um papel fundamental de ligação entre estes dois protagonistas do sistema de ensino - aprendizagem. Com as minhas funções de assessor, desenvolvi tarefas que proporcionassem um trabalho facilitador ao Director de Turma, como foi o exemplo da realização de uma Caracterização da Turma pormenorizada a cada aluno e apresentada a todos os docentes que compunham o conselho de turma. Ainda aprendi, segundo orientação da própria Directora de Turma, Professora Cristina Castilho, o processo de funcionamento do sistema informático de contagem de faltas e lançamento de notas.

A Unidade Curricular denominada Projectos e Parcerias Educativas, propunha a promoção e participação activa de todos os membros do Núcleo de Estágio em, pelo

menos, duas acções destinadas à população escolar, no âmbito da animação sócio-desportiva, da ocupação dos tempos livres e de projectos pedagógicos interdisciplinares. No âmbito desta Unidade Curricular, o Núcleo de Estágio do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho organizou, planeou, executou e controlou um projecto denominado “*Compal Air*”, e um “Torneio de Voleibol 2x2”. Após a realização destes dois projectos, cada aluno estagiário esboçou numa reflexão final um balanço sobre o grau de sucesso das actividades desenvolvidas, bem como aspectos a serem melhorados e percepções individuais que surgiram no decorrer da actividade. Todo o processo de Organização, Planeamento, Execução e Controlo destas actividades, abonou-nos de uma bagagem extremamente positiva sobre todos os mecanismos e processos que antecedem a realização da actividade, a realização da actividade e um trabalho reflectivo pós-actividade essencial para melhorar o nosso desempenho em acções futuras.

Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos

O Estágio “tem por objectivo favorecer a integração dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo de três anos de formação inicial, através duma prática docente em situação real e orientada de forma a profissionalizar docentes de Educação Física competentes e adequadamente preparados para a profissão” – Guia Das Unidades Curriculares Dos 3º e 4º Semestres 2009/2010.

33

No entanto, não devemos esquecer o lado reverso da medalha, isto é, para além de fazer parte da nossa formação enquanto professores estagiários, também entra em cena, com um mesmo ou maior grau de importância, o compromisso com as aprendizagens dos alunos. Com isto quero dizer que apesar de nós, alunos estagiários, encontrarmos no estágio a nossa primeira e real função enquanto Professores de Educação Física, sendo este ainda o culminar de um processo da nossa formação, não podemos descorar do facto de que os alunos não podem ser de forma alguma “prejudicados” com este processo, isto é, num primeiro contacto com o meio envolvente, com a escola e toda a comunidade escolar e finalmente com a realidade da nossa turma, é normal que nós, enquanto Professores Estagiários, cometamos alguns “erros” ao nível da intervenção pedagógica 100% correcta. Esses erros têm de tender a ser minimizados ou mesmo colmatados o mais rapidamente possível, de forma a não por em causa o compromisso com as aprendizagens dos alunos. Dai o papel importantíssimo que assume o nosso Orientador da Escola em todo este processo.

Ao longo de todo o ano lectivo, assumi como prioridade máxima este compromisso, sendo que algumas vezes solicitei sugestões à minha Orientadora de estágio na escola, Professora Cristina Cachulo, sobre o melhor método de solução de determinado problemas por mim encontrados e para os quais não encontrava uma solução ideologicamente correcta para por em prática como forma de ir ao encontro desse mesmos problemas e, ao mesmo tempo, conduzir os alunos para os objectivos terminas específicos que pretendia verificar com cada exercício e também no final da Unidade Didáctica. Com isto quero dizer que demonstrei uma evolução notória no que diz respeito ao ultrapassar dificuldades que se foram colocando no meu caminho ao longo de todo o ano lectivo, que se prendiam directamente com a evolução dos alunos,

ganhando um maior ritmo de detecção dos principais erros generalizados à turma ou a grupos de alunos específicos, ou mesmo aluno a aluno de forma individualizada, intervindo sobre estes de forma segura e adoptando metodologias correctas para uma eficaz resolução destes mesmo problemas, levando a uma real evolução dos alunos.

Fazendo um balanço geral deste ano lectivo, olhando Unidade Didáctica a Unidade Didáctica, penso que o cumprimento com os compromissos de aprendizagem dos alunos foi conseguido de uma forma eficaz, conseguindo que estes conhecessem principais regras de cada modalidade abordada, as principais formas de prática dessa modalidade (técnica e táctica) e ainda que correspondi de forma positiva à integração de todos os alunos da turma nas diversas modalidades adoptada, funcionando os alunos da turma como um todo e não como a soma das suas partes, isto é, proporcionando um ambiente saudável e de interacção entre todos os alunos da turma, independentemente de possuírem um maior ou menor nível de aptidão.

Importância do Trabalho Individual e de Grupo

Gostaria aqui de agradecer a todos os elementos do núcleo de estágio com os quais desempenhei trabalho ao longo de todo o ano lectivo e que me proporcionaram, para além de momentos diversos de satisfação pessoal pelo desempenho realizado ao longo de todo o estágio, conhecimentos adquiridos fruto de trocas de ideias entre todos.

35

Na realidade do ano de estágio, o trabalho a ser efectuado deve ser tanto em grupo quanto possível e individual quanto necessário. Com isto quero dizer que o trabalho individualizado levado a cabo por cada um dos estagiários, prende-se fundamentalmente com o compromisso que tem para com a sua turma. Todo o planeamento aula a aula levado a cabo ao longo do ano lectivo, é fruto dos conhecimentos que cada um de nós tem sobre a realidade da turma, evoluções dos alunos e o próprio compromisso com essas evoluções, levando-nos a adoptar esquemas organizativos e estratégias metodológicas totalmente diferenciadas de turma para turma, ainda mais quando lidamos com anos de escolaridade diferentes. Também aqui entra a elaboração de relatórios e reflexões individuais, principalmente quando falamos de sensações e percepções aquando da realização das actividades por nós planeadas em grupo e sobre as quais podemos ter interpretações diferentes após a sua realização.

No que diz respeito ao trabalho de grupo, no meu entender, este deve existir sempre que seja possível, pois auxilia a concepção, planeamento e realização da maioria das actividades que envolvem o meio escolar extra aulas/turma. A concepção de documentos como o Planeamento Anual e Unidades Didácticas (parte comum) e Projectos das Actividades a realizar, pode e deve ser feita em conjunto pelos elementos pertencentes ao núcleo de estágio, partilhando ideias, sugerindo opções de melhoramento, entre outros. Já a colocação em prática dos projectos elaborados, para além de todo o trabalho de planificação elaborado pelos elementos do núcleo de estágio, contou ainda com a participação e auxílio dos professores que compõem o grupo de departamento de Educação Física, bem como alguns auxiliares de acção educativa. Este trabalho de cooperação realizado em grupo, definindo linhas orientadoras sobre os cargos específicos a desempenhar por cada elemento participativo, reflectiu-se em resultados extremamente positivos no decorrer das actividades.

Ainda aqui me cabe referir a importância das aulas observadas inter-estagiários, pois ajudaram-nos a identificar e analisar certas opções pedagógicas tomadas de forma diferente por cada um de nós e a reflectir sobre as mesmas, de modo a auxiliar-nos e encontrar melhores soluções aos vários parâmetros que por vezes não nos são perceptíveis no decorrer de uma aula que estamos a leccionar.

Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade

Qualquer cidadão no desempenho das suas funções, deve assumir um sentido de responsabilidade bastante elevado sobre os seus compromissos assumidos. Neste caso específico, e falando no papel de professor, o sentido de responsabilidade ganha um papel preponderante, pois os nossos compromissos podem interferir directamente com os mais diversos intervenientes da comunidade escolar.

37

Ao longo deste ano de estágio, revelei um elevado sentido de responsabilidade para com os mais diversos compromissos assumidos, no mais amplo significado da palavra, isto é, cumprindo com as exigências inerentes à escola e ao estágio (assiduidade, preocupação com as aprendizagens dos alunos, participação em reuniões de departamento e de conselho de turma), demonstrando por vezes, embora um pouco timidamente, alguma capacidade de iniciativa em certas temáticas que suscitavam dúvidas e diferentes interpretações por parte dos mais diversos intervenientes, principalmente no âmbito das reuniões do conselho de turma.

Procurei sempre desempenhar um papel assertivo, assumindo e justificando a minha responsabilidade no trabalho individual e de grupo.

Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

Ao nos depararmos com a realidade escolar pela primeira vez, todas as nossas “certezas” se revestem de dúvidas e incertezas, pois não há uma linha orientadora única, precisa e 100% viável para a aplicação de todo um leque de situações metodológicas que o processo de ensino-aprendizagem contempla.

Como ponto inicial, devo referir que desconhecia completamente o meio no qual me iria inserir e realizar o meu ano de estágio, quer ao nível extra-escolar (meio rural) quer ao nível intra-escolar (todos os intervenientes do processo ensino-aprendizagem que fazem parte da comunidade educativa; condições espaciais, materiais e temporais). Como tal, numa primeira fase de inserção no meio escolar, comecei por conhecer mais de perto os colegas estagiários que faziam parte do meu núcleo de estágio, bem como a Professora Orientadora, criando um certo à vontade no relacionamento entre todo o núcleo de estágio para resolução de qualquer tipo de dúvidas iniciais que pudessem surgir no âmbito escolar. Pouco a pouco fui intervindo de uma forma mais directa com os colegas do departamento de Educação Física e as principais Auxiliares de Educação com as quais lidara diariamente, sendo que esta relação me facilitou o restante conhecimento do meio escolar a um nível geral.

Após alguma pesquisa feita com base em documentos realizados no âmbito do estágio em anos anteriores, retirei alguns dados importantes relativamente ao meio envolvente e à realidade escolar. No entanto, a viabilidade desses documentos ficou comprometida pela junção das Escolas Básica e Secundária num agrupamento, sendo que houvera alterações significativas quer nas condições materiais, quer nas condições espaciais do agora Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho. Feita a fácil integração enquanto professor estagiário no seio de parte da comunidade escolar e meio envolvente, iniciei a parte mais importante da minha formação com o primeiro contacto real com a minha turma. Numa primeira aula de apresentação, pela aplicação de um questionário recolhi informações do âmbito geral para cada aluno (dados pessoais) e algumas informações de relevante importância para com a disciplina de Educação Física, sendo que analisei essas informações e procedi à elaboração de um documento orientador, sobre o qual poderia fundamentar algumas das minhas opções

nomeadamente na escolha ou não de determinadas Unidade Didáctica a leccionar (gostos e preferências dos alunos; passado desportivo recente no âmbito escolar).

Após a primeira aula com os alunos da turma A do 12ºano, senti dificuldade em organizar todo um conjunto de orientações que me tinham sido feitas como modo de iniciar a leccionação de aulas. Com isto quero dizer, que para uma primeira aula de uma Unidade Didáctica, devo ter presente um conjunto de conteúdos técnicos e/ou técnico táticos susceptíveis de verificar/avaliar nos alunos, conteúdos esses que serão elaborados com base nos Programas Nacionais de Educação Física para o nível de ensino em questão e a modalidade a abordar e o nível de aptidão da turma (caso haja já um conhecimento prévio). Para a elaboração e compreensão destes conteúdos, devo também possuir um conhecimento geral sobre a modalidade a abordar, instruindo-me sempre o mais possível sobre a mesma, estando dotado de conhecimentos que possam colmatar alguma dúvida colocada por um aluno. Como o número de aulas para a abordagem de uma Unidade Didáctica é reduzido, tentei não perder mais do que uma aula para este momento de Avaliação Diagnóstica, pelo que após os Encarregados de Educação de cada aluno terem preenchido uma autorização de filmagem para fins avaliativos na disciplina de Educação Física, procedi à filmagem deste momento avaliativo de forma a verificar à posterior determinados comportamento e acções motoras susceptíveis de dúvidas no momento da aula de avaliação diagnóstica, pois pela pouca ou nenhuma prática em observar e registar várias componentes críticas para cada aluno, poderia ter dificuldades acrescidas em avaliar correctamente os níveis de desempenho de cada aluno em particular numa aula com a duração de aproximadamente 90'.

Após registo e interpretação dos dados retirados na aula de Avaliação Diagnóstica, vem todo um processo de planificação que está condicionado pelos reais níveis de aptidão dos alunos para uma determinada modalidade, bem como os diferentes níveis de aptidão existentes na turma: uma definição de objectivos comportamentais terminais ou redefinição dos objectivos iniciais a verificar nos alunos no final da Unidade Didáctica; uma sequencialização de conteúdos que englobe o número total de aulas a dedicar à Unidade Didáctica; uma definição de objectivos específicos por aula, que permitam uma aprendizagem lógica dos conteúdos a abordar (do mais simples ao

mais complexo) e uma sequência lógica das aprendizagens por parte dos alunos (encadeamento de situações de aprendizagem); estratégias de organização por aula e em momento diferenciados dentro de uma mesma aula e o propósito específico ao qual se destinava aplicação destes mesmo exercícios e/ou conjunto de progressões pedagógicas (assimilação/exercitação e/ou consolidação).

A elaboração deste documento orientador, representa a base de todo o trabalho a ser realizado aula a aula, pois apresenta-se como um documento não estanque e susceptível a alterações, relacionada principalmente com o nível de evolução dos alunos. A par deste documento, é elaborado também no início de cada Unidade Didáctica um documento que contém informações de carácter geral sobre a modalidade a abordar, bem como uma bateria de estratégias e metodologias de ensino gerais aplicáveis à realidade da modalidade em questão para as mais diversas acções técnicas e/ou tácticas, não esquecendo uma bateria de exercícios e progressões pedagógicas generalizadas e adequadas ao nível de ensino a leccionar.

Devo resumir este amplo texto supracitado, numa conclusão de simples análise, que se prende com o facto das principais dificuldades sentidas por mim enquanto estagiário se encontrarem ao nível da planificação de todo um processo de ensino aprendizagem rodeado de uma panóplia de situações metodologicamente correctas e aplicáveis a uma mesma realidade escolar que, no entanto, são tão diferenciadas quanto o necessário à realidade de uma só turma. Conclui que uma preparação prévia ao nível de planificação adequada à realidade da turma, fundamentada por documentos de apoio como os que referi anteriormente, facilita o início do processo pedagógico marcado pela leccionação de uma determinada Unidade Didáctica a ensinar a uma turma específica e com necessidades diferentes de qualquer outra.

Munido destas ferramentas iniciais, vem a parte de planificação das aulas, sendo que estas devem ser entendidas como um todo de forma a elevar e direccionar as capacidades e o nível de aprendizagem dos alunos onde ao qual nos propomos atingir.

Surge então a elaboração do primeiro plano de aula, sendo que este deve estar planificado de forma organizada e de fácil análise de forma a facilitar todas as situações previstas nele. O plano de aula por mim adoptado, continha na sua estrutura um

cabeçalho onde estavam discriminados vários itens relacionados com a planificação geral do ensino para aquela Unidade Didáctica, sendo de realçar o objectivo específico proposto para cada aula. Seguiu-se uma divisão do mesmo em três partes da aula – Inicial, Fundamental e Final. Começo por enunciar que a estruturação vertical do plano de aula relativamente a estas diferentes partes da aula foi sempre comum a todas, isto é, é composto pelos tempos parciais dedicados a cada exercício e momento da aula, pela identificação das tarefas de aprendizagem a realizar, pelo objectivo específico de cada tarefa e/ou exercício, pela definição das principais componentes críticas a verificar em cada um desses exercícios e pelas estratégias e forma de organização da turma em cada exercício. A maior dificuldade na planificação destes pontos, verificou-se na confusão por mim elaborada e por vezes expressa nos próprios planos de aula entre o objectivo específico de cada exercício e as componentes críticas a verificar em cada exercício. Estas dificuldades foram por mim minimizadas ou mesmo ultrapassadas, muito por causa da Orientação da Professora Cristina Cachulo pelo facto de me fazer entender que o objectivo específico do exercício se prende com o que pretendemos que os alunos consigam realizar com o exercício, sendo que as componentes críticas deste representam o “como” atingir esses comportamentos (modo de...).

Falando da condução da aula propriamente dita, prenderam-se com a parte inicial da aula algumas dificuldades que fui melhorando com o decorrer das Unidades Didácticas e do ano lectivo, que estavam relacionadas com o excessivo tempo dedicado à instrução inicial dada aos alunos, bem como a concretização de aquecimentos específicos, direccionados à modalidade que estávamos a abordar. Relativamente à extensão em demasia da instrução inicial, melhorei rapidamente e passei a apresentar os objectivos da aula de uma forma simples, directa e objectiva ocupando o menor tempo possível. Já no que diz respeito à realização de objectivos específicos direccionados à modalidade leccionada, foi uma dificuldade intermitente ao longo de todo o ano lectivo, sentida principalmente nas aulas iniciais de abordagem a uma nova modalidade, indo, com o decorrer da Unidade Didáctica, minimizando essa dificuldade e apresentando propostas de exercícios dinâmicos, motivadores e de mobilização geral direccionados à modalidade que estávamos a abordar.

Já na parte fundamental da aula, o problema que se manteve na leccionação de algumas modalidades, deveu-se ao facto das propostas de exercícios por mim definidas, não estarem metodologicamente correctas para com o real nível de evolução da turma, direccionado aos objectivos terminais a atingir no final da Unidade Didáctica, isto é, ao querer atingir um certo patamar no final da Unidade Didáctica, teria de iniciar mais cedo a abordagem de determinadas acções técnico-táticas, de forma a proporcionar aos alunos tempo para compreensão, assimilação, exercitação e consolidação dessas mesmas acções, de forma a atingirem uma melhor performance na realização das mesmas. Estas dificuldades evidenciadas, foram corrigidas no seu devido “timing” pela Professora Orientadora Cristina Cachulo, indicando-me as principais dificuldades por mim evidenciadas ao nível do planeamento e escolha de exercícios adequados ao real nível de evolução da turma e em função dos objectivos terminais propostos e apresentando proposta de para a resolução desses “erros”, sendo que após uma orientação nesse sentido, consegui direccionar o ensino geral e individual dos alunos da turma de forma a ir ao encontro das suas principais dificuldades e necessidades, tendo em conta os objectivos terminais aos quais me propus que estes atingissem no final da Unidade Didáctica.

Dificuldades a Resolver no Futuro

O processo de ensino-aprendizagem está em constante mudança, sendo que as ideias por nós adquiridas ao longo deste ano de estágio, apesar de neste momento nos parecerem as mais correctas, podem mudar facilmente com o passar dos anos e diferentes realidades escolares vivenciadas. Um exemplo disso passa pelo facto de durante o nosso ano de estágio temos apenas leccionado aulas a uma turma, e consequentemente a um e apenas um nível de ensino (secundário). Com a conclusão do MEEFEBS, ficamos habilitados enquanto professores de Educação Física para leccionar aulas desde o Ensino Básico ao Ensino Secundário, daí, o facto de que poderia ter alguma pertinência um contacto mais próximo com outros níveis de ensino ao longo deste ano lectivo.

43

No entanto, e relativamente ao ano de estágio, penso que conseguimos enquanto núcleo de estágio, e eu enquanto professor estagiário, resolver a quase totalidade das dificuldades com as quais nos fomos deparando.

Se alguma dificuldade especial evidenciada como uma dificuldade a resolver no futuro merece lugar de destaque, devo falar da questão da avaliação em Educação Física. No entanto, reme-to este ponto para uma análise e reflexão mais à frente neste relatório, quando nos referimos às questões dilemáticas.

Inovação nas Práticas Pedagógicas

Ao falar de inovação nas práticas pedagógicas, devemos centralizar o nosso pensamento no que de novo pode ser aplicado em função de uma melhoria das aprendizagens dos alunos. Este tipo de pensamento remete-nos de forma óbvia para a questão de um ensino diferenciado em Educação Física. Este método de Ensino, para além de assinar uma maior justiça na avaliação dos alunos (diferenciada), também irá ao encontro das principais necessidades de cada aluno.

44

Passo a citar dois exemplos que permitem uma maior compreensão desta temática: um deles prende-se com o facto de que um Ensino Diferenciado, teria que culminar em objectivos terminais diferenciados para diferentes grupos de alunos pertencentes a diferentes grupos de nível. Como tal, justificar-se-ia ao longo das aulas de Educação Física para uma determinada Unidade Didáctica, um conjunto de aprendizagens diferenciadas para diferentes grupos de nível consoante o seu nível psicomotor. Foi durante a leccionação das Unidades Didácticas de Natação e Ginástica de Solo e Aparelhos que surgiram os maiores “porquês” que poderiam justificar uma selecção de conteúdos terminais diferenciados para diferentes grupos de nível. Pense-se que numa primeira aula de Natação há alunos que cumprem quase na perfeição todos os objectivos que nos propomos a ensinar para um nível avançado (com base nos Programas Nacionais de Educação Física), enquanto outros nem sequer cumprem os requisitos mínimos exigidos para um nível introdutório (adaptação ao meio aquático). Qual a dualidade de critérios a adoptar?

Deixando um pouco de parte estas questões relacionada principalmente com modalidades individuais cujas aprendizagens podem estar condicionadas à partida por factores que nos são externos, o conjunto de metodologias adoptadas pelo núcleo de estágio para este ano lectivo, desde planeamento, a realização e reflexão, passaram sempre por uma metodologia de trabalho diferenciada durante as aulas, privilegiando a formação de grupos homogéneos e heterogéneos em diferentes contextos e momentos distintos da aula. A formação de grupos heterogéneos, poderá facilitar as aprendizagens de alunos com um nível de aptidão inferior, funcionando os alunos que possuem um nível de aptidão mais elevado funcionar aqui como agentes de ensino. Já na formação a formação de grupos homogéneos privilegia claramente a aprendizagem diferenciada, adequada ao seu grupo de nível de desempenho, elevando o grau motivacional dos alunos. Ambas as metodologias têm vantagens quando eficazmente aplicadas em momentos distintos da aula e/ou da leccionação da Unidade Didáctica.

Para terminar, cabe-me referir que tentei, sempre que possível, fomentar novas metodologias e estratégias de leccionação de uma dada modalidade. Partindo do princípio que a turma à qual leccionei aulas era um 12º ano, os alunos a esta pertencentes já teriam passado por diversas situações pedagógicas diferenciadas ao longo dos anos. Como tal, ao apresentar as matérias de uma forma idêntica à qual os alunos tinham abordado as mesmas anteriormente, iria aumentar os níveis de desmotivação, e conseqüentemente diminuir os níveis de empenho e condicionar a própria evolução dos alunos da turma. Como modo de tentar minimizar esses riscos, tentei, sempre que possível, planejar as aulas e os exercícios propostos para as mesmas para que a realização destes por parte dos alunos fosse no tanto motivadora quanto pedagogicamente adequada, concorrendo para o objectivo específico definido. Um exemplo disso prende-se com a realização de aquecimentos com conteúdos de hidroginástica na parte inicial de uma aula de natação, promovendo uma melhor adequação ao meio aquático por parte dos alunos com mais dificuldades, promovendo um exercício de igual intensidade para todos os alunos, independentemente dos seus níveis de desempenho na modalidade, e ainda concorrer para a mobilização e activação geral, por intermédio de uma elevação das capacidades funcionais (força resistente), ainda que trabalhadas de forma secundária.

Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar

A antiga escola Secundária de Montemor-o-Velho, agora Agrupamento de Escolas, já desde há alguns anos atrás que acolhe e orienta professores estagiário de Educação Física em fim de formação pela FCDEF-UC. Com isto quero dizer que está desde já criado um hábito entre os professores que compõem o departamento de Educação Física em acolher e ajudar no que for necessário quem de novo chega à escola. Relativamente à turma, penso que será um tanto ou quanto novidade os alunos sentirem que alguém novo, em formação ainda, irá ser responsável pela leccionação da disciplina de Educação Física, apesar de uma orientação sempre presente por parte do professor Orientador da Escola. No entanto, alguns dos alunos que fizeram parte da turma A do 12º ano tiveram já professores estagiários na disciplina de Educação Física no seu percurso até aqui, sendo que para estes não foi novidade. O facto de três professores observarem as aulas por mim leccionadas não veio condicionar em nada o desempenho dos alunos, pelo contrário, alguns deles demonstraram níveis mais elevados de empenhamento.

46

Cabe-me aqui referir também que nós, enquanto professores estagiários, trazemos também algo de novo, motivador e inovador no seio de todo o grupo de Professores que compõem o Departamento de Educação Física, sendo que algumas das metodologias, estratégias e propostas metodológicas por nós planeadas e realizadas, foram alvo de interesse por parte de outros docentes, compartilhando uma troca de ideias entre todo o grupo e aprendendo uns com os outros, primando nós estagiários pela novidade e os restantes professores pela experiência de muitos anos de leccionação.

Devo referir aqui também o trabalho desempenhado nas funções do cargo de assessor ao Director de Turma, sendo esta uma realidade com a qual, muito provavelmente me vou deparar ao longo dos anos, sinto que, apesar de numa curta escala, aprendi a lidar com determinadas questões inteiramente relacionadas com situações de diversos campos existentes no seio de uma turma.

Para terminar, o facto de não ser novidade a existência de alunos estagiários no seio desta comunidade escolar, facilitou a nossa integração enquanto núcleo de estágio, minimizando um impacto maior que pudesse ocorrer.

Questões Dilemáticas

É neste ponto de reflexão que me cabe referir alguns obstáculos com os quais me deparei no contacto directo com realidade escolar ao longo deste ano de estágio, mais propriamente no planeamento e leccionação das diversas Unidades Didácticas, enquadrando-as com a realidade da minha turma.

47

Começo por falar da problemática em torno da pertinência, adequação e viabilidade dos Programas de Educação Física (PNEF). Será que os objectivos descritos nos PNEF para os diferentes níveis de ensino estão de acordo com a realidade de um contexto escolar e a realidade de uma turma? Como sabemos, os objectivos propostos nos PNEF servem como base de suporte para a definição de objectivos iniciais e terminais a definir para a leccionação de uma determinada Unidade Didáctica, adequando-a ao nível de ensino ao qual pertence a turma. No entanto, e verifiquei isso para a quase totalidade das modalidades abordadas ao longo deste ano lectivo, os objectivos descritos nos PNEF para um 12º ano (parte do nível avançado), são quase totalmente inconcebíveis de serem realizados por parte dos alunos pertencentes a este nível de ensino. Este facto está directamente relacionado com o não acompanhamento de uma determinada turma por parte do mesmo professor ao longo de todos os anos de formação, isto é, se uma turma ao entrar no ensino básico for acompanhada por um professor que cumpra os objectivos definidos nos PNEF para esse nível de ensino e lhe for dada oportunidade de um trabalho contínuo ao longo dos anos com essa mesma turma, este professor terá ao seu dispor um conjunto de informações quer ao nível das facilidades/dificuldades gerais da turma, quer ao nível das facilidades/dificuldades individuais de cada aluno, tendo assim uma maior margem de manobra para a elaboração de um planeamento composto por um conjunto de estratégias e metodologias de ensino tanto individualizadas quanto necessárias de modo a proporcionar uma aprendizagem coerente a cada aluno em particular e à turma em geral, promovendo a uma maior evolução dos alunos e, quem sabe, a um cumprimento dos objectivos definidos nos PNEF. Contudo, não é só aqui que resido o problema dos objectivos propostos nos PNEF, pois estes englobam também um conjunto de componentes técnicas e táticas em torno das modalidades a abordar que, na maioria das vezes, estão

desadequadas com a realidade desportiva dos alunos. Com isto quero dizer que um aluno que pratique ou tenha praticado um determinado desporto numa realidade extra-escolar, demonstra, à priori, uma facilidade muito maior na realização dos objectivos propostos, tendo até capacidade de cumprir com os objectivos descritos no PNEF para uma ou várias modalidades. No entanto, uma aluno que nunca tenha tido referencias desportivas extra-escola, dificilmente irá adquirir as principais noções e objectivos que estão propostos nos PNEF, também pelo facto de que o tempo disponível para a abordagem das modalidades a leccionar é bastante reduzido e mesmo incoerente com os próprios objectivos definidos nos PNEF como exequíveis por parte dos alunos no final de uma Unidade Didáctica.

Entramos aqui numa outra problemática que se prende com o tempo disponível para a abordagem das matérias e consequentes efeitos de assimilação/consolidação por parte dos alunos. Tendo como exemplo uma turma de 12º ano, pois foi este o nível de ensino ao qual leccionei aulas durante este ano de estágio, os PNEF propõem que sejam leccionadas no decorrer do ano lectivo: duas modalidades de desportos colectivos, uma de ginástica ou uma de atletismo e duas outras à escolha por entre as restantes matérias, admitindo um regime de opções no seio da escola. Com isto, quero dizer que no decorrer de um ano lectivo, os PNEF prevêm a leccionação de seis Unidades Didácticas. Vejamos agora o seguinte: durante este ano lectivo, dispus de um total de sessenta e três blocos de noventa minutos, um leccionado à segunda-feira e outro à quinta-feira, dos quais vinte e seis foram leccionados no primeiro período, vinte e três no segundo e apenas catorze no terceiro período. Após um planeamento inicial, todo ele condicionado principalmente pelas fragilidades em torno das condições espaciais supracitadas (aumento do número de alunos que frequentam a escola devido à junção das Escola Básica e Secundária num Agrupamento de Escolas e consequente redução dos espaços disponíveis à prática da Educação Física Fruto das obras de remodelação de espaços que decorreram na escola ao longo de todo o ano lectivo), definimos a leccionação de duas matérias por período, apesar de o número de aulas dedicado a cada uma destas não estar uniformemente distribuído. À primeira aula do ano lectivo, naturalmente, correspondeu a aula de apresentação, seguindo-se de duas aulas inteiramente dedicadas à aplicação da bateria de testes do “*fitnessgram*”, o que perfaz três aulas. No inicio de cada Unidade Didáctica, por diversas razões acima justificadas

como necessária, teve lugar uma aula inteiramente dedicada à Avaliação inicial do nível dos alunos específica à modalidade a abordar. Já no final de cada Unidade Didáctica, sempre que se justifique (o que foi o caso), terá lugar uma outra aula de Avaliação geral dos conhecimentos e evoluções adquiridas pelos alunos ao longo das aulas dedicadas à aprendizagem da modalidade. Sendo que forma leccionada seis Unidades Didácticas diferentes, perfaz um total de doze aulas dedicadas a estes momentos. No final de cada período, há ainda lugar para uma aula de auto e hetero avaliação dos alunos, onde se faz o balanço de todo o período e são partilhadas opiniões entre alunos e professor. Com isto quero dizer que são mais, ou neste caso menos três aulas de prática efectiva dos alunos, directamente relacionada com as aprendizagens destes no forro do parâmetro psicomotor (mais valorizado) e direccionadas para os objectivos a atingir no final da Unidade Didáctica. Feitas as contas, das sessenta e três aulas previstas inicialmente, apenas quarenta e cinco se destinam à prática efectiva de uma aula de Educação Física inteiramente dedicada, relacionada e vocacionada às principais necessidades da turma e de cada aluno em particular para as diversas matérias a serem leccionadas ao longo do ano lectivo (menos de oito blocos horários por Unidade Didáctica). Um aluno que demonstre dificuldades em se relacionar com o meio aquático, ou que tenha dificuldades em realizar um rolamento à frente, ou mesmo que não saiba os princípios básicos de um lançamento na passada par o basquetebol, num prazo delimitado por cerca de seiscentos minutos à prática de uma matéria que, apenas é leccionada uma vez por semana, com cerca de no máximo um tempo total de prática de setenta e cinco minutos, dificilmente irá conseguir consolidar os objectivos, ainda que diferenciados, para ele propostos na abordagem de uma determinada Unidade Didáctica, objectivos estes que serão definidos pela análise dos PNEF para este nível de ensino em concordância com o nível geral da turma e/ou específicos às necessidades/dificuldade/facilidades demonstradas por aluno ou grupo de alunos.

Ainda um outro tema de debate quando falamos de questões dilemáticas, tem a ver inteiramente com a questão da Avaliação em Educação Física, sendo este um tema que levantou diversas interpretações ao longo deste ano de estágio, em busca da utopia de metodologias e processos para definir a Avaliação em Educação Física.

Todos os alunos devem ser avaliados de uma mesma maneira? Concorrendo para uns mesmo objectivos terminais? É aqui que reside uma das grandes dúvidas e temáticas de debate em torno da avaliação em Educação Física.

Quando falamos em Avaliação em Educação Física, inevitavelmente caímos num termo de comparação com outras disciplinas. Por exemplo, se no caso da Matemática todos os alunos, independentemente do seu nível de conhecimentos para com a matéria, são instruídos de forma a atingirem um mesmo patamar (concorrendo para os mesmo objectivos terminais) que culmina com a aplicação de um exame nacional da disciplina, porque é que no caso da Educação Física não acontece o mesmo?

Num passado ainda recente, a nota da disciplina de Educação Física não fazia parte do conjunto de notas que, através de um cálculo simples, determinavam a média de ingresso ao ensino superior. Hoje em dia, a nota de Educação Física entra nos cálculos para essa média assumindo um peso igual a todas as outras disciplinas (excepto o caso de uma específica). Em torno deste assunto, tem vindo a crescer um debate interessante e digno de registo no que diz respeito à Equidade da Avaliação em Educação Física.

Falarei agora, de um modo mais concreto, de algumas experiencias em torno desta temática com as quais me deparei na realidade da minha turma. Relativamente à disciplina de Natação, após análise dos dados retirados na Avaliação Diagnóstica, a turma foi dividida em quatro diferentes grupos de nível: Adaptação ao Meio Aquático, Iniciação às Técnicas de nado *Crawl* e Costas, Desenvolvimento da Técnicas *Crawl*, Costas e Bruços e Aperfeiçoamento das Técnicas *Crawl*, Costas, Bruços e Mariposa. Olhando para os PNEF relativos à disciplina de natação para este nível de ensino, apresentam como possíveis três propostas metodológicas com objectivos terminais diferenciados para três níveis de ensino – Introdutório, Elementar e Avançado. Por um encadeamento lógico de ideias, o (s) aluno (s) que pertence (m) ao grupo de Adaptação ao meio Aquático e alguns pertencentes ao grupo de Iniciação às técnicas, serão avaliados em função dos objectivos terminais propostos para um nível Introdutório. Alguns alunos pertencentes ao grupo de Iniciação às Técnicas, bem como alguns, senão a totalidade dos alunos pertencentes ao grupo de Desenvolvimento das técnicas serão avaliados em função dos objectivos terminais propostos para um nível elementar.

Finalmente, o (s) aluno (s) pertencente (s) ao grupo de Aperfeiçoamento das técnicas será avaliado de acordo com os objectivos terminais propostos para um nível Avançado. Eis a questão que se coloca: “Será justo, perante estes grupos diferenciados de alunos, onde as metodologias pedagógicas aplicadas a cada grupo são diferenciadas, concorrendo para uma evolução diferenciada que visa atingir os objectivos terminais propostos para esse mesmo grupo de nível, todos os alunos concorrerem para uma classificação final máxima (vinte valores), estando essa classificação inteiramente dependente do grau de evolução dos alunos desde o momento da Avaliação Diagnóstica até ao final da Unidade Didáctica para os objectivos propostos como terminais a atingir no grupo de nível a que pertencem?”

Um outro modo de abordar a questão prende-se com o facto do estabelecimento de “tectos” por grupos de níveis diferenciados, isto é, um aluno que pertença inicialmente a um nível introdutório, mesmo atingindo a totalidade dos objectivos propostos como terminais para o seu grupo de nível, atingirá um valor máximo de catorze para o domínio psicomotor, sendo que se demonstrar uma evolução que lhe permita atingir esses objectivos no decorrer da Unidade Didáctica, irá passar a concorrer para os objectivos terminais propostos para o nível elementar, situando-se a sua nota entre catorze e dezassete relativamente ao domínio psicomotor. Se por ventura, com o decorrer da Unidade Didáctica algum aluno pertencente ao nível elementar, demonstrar evoluções que lhe permitam concorrer para os objectivos propostos para um nível avançado, irá concorrer para uma nota compreendida entre dezassete e vinte valores relativamente ao domínio psicomotor. No entanto, será justo um aluno que seja empenhado nas aulas, que demonstre um esforço para conseguir atingir os objectivos para ele propostos, concorrer, à partida, para um valor pré-definido (tecto) e estabelecido como máximo? Enquanto um aluno que não demonstre empenho na realização das tarefas, nem preocupação em evoluir mais por possuir já elevados níveis de desempenho na realização dos objectivos propostos como máximos, irá concorrer, para uma nota superior igual ou superior a dezassete para o domínio psicomotor? Em torno desta questão, gira também uma outra que se prende com o valor das percentagens atribuídas a cada domínio (psicomotor, cognitivo e sócio-afectivo): “Será que o valor atribuído ao domínio psicomotor não deverá ser equivalente aos restantes domínios, ou

no mínimo a componente sócio-afectivo ser mais valorizada incumbindo aos alunos valores pessoais de respeito pelos colegas, professores e toda a comunidade em geral?

Estas são questões muito debatidas ao longo deste ano de estágio e para as quais nunca obtive uma resposta única e válida, pois estão sujeitas a diferentes interpretações todas elas aceitáveis e regidas por pontos de vistas diferentes.

Conclusões Referentes à Formação Inicial

Como já referi anteriormente, ao ingressar no ensino superior, mais propriamente na Licenciatura em Ciências do Desporto, pretendia inicialmente uma formação direccionada no âmbito do treino desportivo. No entanto, e com a oportunidade de frequentar um mestrado voltado para uma outra área (vertente pedagógica), agarrei esta oportunidade que, para além de alargar os meus conhecimentos e oportunidades futuras, ainda me proporcionava ingressar numa carreira docente, sendo esta uma das opções que sempre ponderei aquando da escolha pela licenciatura e pelo qual tenho ganhei um gosto pessoal especial crescente ao longo destes anos de licenciatura.

53

Falando mais propriamente do conjunto de matérias que fizeram parte do meu plano de estudos relativos à licenciatura, devo referir que, apesar de poucas delas estarem directamente relacionadas com a vertente pedagógica, consegui obter um nível de conhecimento satisfatório, principalmente no que diz respeito à Unidade Curricular de Estudos Práticos, que me proporcionou um contacto directo com uma vasta gama de modalidades que podem ser abordadas no meio escolar. No entanto, foi no primeiro ano do MEEFEBS que obtive um maior conhecimento sobre metodologias e processos a adoptar no seio de uma realidade escolar com a qual me deparei no Estágio Pedagógico realizado ao longo deste ano lectivo.

Unidades Curriculares como Didáctica da Educação Física e do Desporto Escolar transmitem-nos vários conhecimentos sobre o *“desenvolvimento de processos de reflexão acerca dos conteúdos das matérias e respectiva forma de manipulação para apresentação prática como proposta de ensino, tomando em consideração as condições e intenções da Educação Física como área curricular com valor formativo específico”*, mostrando-se assim essenciais para o contacto real com a pedagogia escolar.

Em torno de todas as Unidades Curriculares que englobam o plano de estudos do MEEFEBS, há uma fundamentação teórica que nos enquadra e prepara para a realidade com a qual nos iremos deparar no panorama real de uma escola, a aplicar directamente no contexto real no qual o estágio pedagógico nos insere.

Necessidades de Formação Contínua

Como já referi anteriormente, com os progressos e constantes mudanças com as quais se tem deparado o panorama pedagógico, há uma necessidade ainda mais urgente de uma formação contínua e tanto especializada quanto necessário, mas também tanto mais ampla quanto possível, direccionada a todos os assuntos dos quais faz parte uma realidade escolar com a qual nos poderemos eventualmente deparar.

54

Estamos na recta final de um processo de formação multilateral levada a cabo quase ao longo de toda a nossa vida, sendo que a parte específica desta se prende mais directamente e quase exclusivamente com os últimos cinco anos de formação no ensino superior. Neste processo de formação, fomos munidos de uma enormidade de ferramentas que nos permitissem encarar um futuro profissional com o mais rigor e profissionalismo possível. No entanto, e após este ano de estágio onde interagimos mais directamente com todos os intervenientes da comunidade escolar e com uma ampla gama de assuntos debatidos dentro do seio de um conselho de turma, de um departamento e da própria escola, caímos na realidade de que todo o conhecimento por nós adquirido ao longo de todos estes anos de formação, não é nem nunca será suficiente para encarar e resolver todas as problemáticas com as quais nos iremos deparar ao longo dos restantes anos que se seguem, enquanto profissionais da área, sendo estes problemas/discussões ou mesmo dúvidas das mais variadas áreas relacionada com o ensino, isto é, desde dúvidas que possam existir relativamente a uma determinada regra para uma modalidade específica, até dúvidas que englobem uma burocracia regida por normas e decretos de lei nas funções de director de turma ou qualquer outro cargo na escola.

Experiência Pessoal e Profissional do ano de Estágio

Este ano foi sem dúvida o ano o ano mais importante na minha formação enquanto futuro professor de Educação Física, por vários motivos que já referi anteriormente. O primeiro prende-se com facto da minha licenciatura estar mais voltada para o ramo do treino desportivo, ao invés da pedagogia propriamente dita. A partir do momento que ingressei neste mestrado, que está unicamente direccionado para a vertente do Ensino, procurei reunir um conjunto de informações necessárias a uma aplicação directa em todos os processos de ensino-aprendizagem inerente a uma realidade escolar com a qual me deparei este ano de estágio. Assim sendo, o ano de estágio estava repleto de, para além de uma grande ansiedade da minha parte, também muitas dúvidas e incertezas relativamente a todo e qualquer procedimento a adoptar enquanto professor responsável de uma turma e elemento integrante de uma comunidade escolar. Olhando um pouco para trás e fazendo um balanço geral deste ano de estágio, penso ter ganho uma capacidade de trabalho e conhecimentos adquiridos principalmente no que diz respeito ao compromisso com as aprendizagens dos alunos no mais amplo significado da expressão que me permitirá no futuro encarar a realidade escolar com muito mais optimismo, confiança e segurança nas opções a tomar.

Ao longo de todo este ano, mantive sempre uma relação muito próxima com todos os elementos integrantes do núcleo de estágio, partilhando opiniões, debatendo dúvidas e desenvolvendo uma capacidade de trabalho em grupo que poderá trazer vantagens a vários níveis no futuro. Mais propriamente falando da prática pedagógica assistida propriamente dita, todas as minhas aulas sem excepção, foram assistidas pela Professora Orientadora Cristina Cachulo, reunindo sempre após as aulas de modo a enumerar o que de positivo tinha ocorrido, situações a melhorar num futuro próximo e debatendo várias situações sobre elaboração de documentação necessária à prática docente para com uma determinada turma. A principal fonte de conhecimento acerca de todo o processo de ensino-aprendizagem ganha por mim este ano, sem dúvida é fruto da orientação por parte da professora Cristina Cachulo, mantendo sempre um compromisso de responsabilidade para com as aprendizagens dos alunos como uma prioridade, e orientando-nos no desempenho de toda e qualquer actividade que estivesse ou não

directamente relacionada com as práticas pedagógicas a ter para com a turma, mas também no sentido de nos proporcionar um campo mais amplo de actuação, quer ao nível da elaboração e concepção de projectos, quer ao nível da própria acessória ao Director de Turma. Aproveito aqui para deixar também um agradecimento especial à Professora Cristina Almeida, Directora de Turma do 12º A, pela disponibilidade demonstrada em me acolher como assessor e pela transmissão de conhecimentos que me forneceu no sentido do desempenho eficaz desse papel em todos os seus campos de actuação. Cabe-me ainda referir que, ao longo do ano lectivo, o Professor Orientador da Faculdade, Mestre Miguel Fachada acompanhou de forma permanente todas as Unidades Didácticas por mim leccionada, observando uma ou mais aulas para cada modalidade por mim leccionada, emitindo sempre feedback's acerca do meu desempenho na aula, nos mais diversos campos de actuação, ajudando-me a manter um ponto de equilíbrio entre os ganhos por mim adquiridos e as “falhas” por mim ainda demonstradas, permitindo-me efectuar uma reflexão sobre este ponto de situação de forma a melhorar a minha intervenção pedagógica.

Finalizo esta reflexão sobre o ano de estágio, afirmando, com toda a certeza, que me sinto um profissional muito mais preparado e capaz de encarar a actividade docente no futuro, sendo que este ano abriu-me portas que pareciam não existir relativamente a todos os campos de acção/intervenção de todo o processo de ensino-aprendizagem do qual uma realidade escolar faz parte.

Bibliografia

- Sobral, F. (1985). Introdução à Educação Física: Horizonte da Cultura Física
- André, Bruno Miguel (2006). Supervisão Pedagógica – A Perspectiva do Orientador de Estágio. FCDEF – UC
- Braga, F. (2004). Universidade do Porto
- Documentos de apoio da disciplina de Avaliação Pedagógica em Educação Física, leccionada no 1º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.
- Documentos de apoio da disciplina de Didáctica da Educação Física e Desporto Escolar, leccionada no 1º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.
- Dossier de Estágio Pedagógico 2009/2010, Professor Estagiário João Cunha, Montemor-o-Velho.